

## **RUAS: A CIDADE PELOS PÉS DE QUEM PROCURA O QUE COMER**

VERONICK REZENDE SILVEIRA<sup>1</sup>

WILLIAM HECTOR GOMEZ SOTO<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – [veroh.nsil@gmail.com](mailto:veroh.nsil@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – [william.hector@gmail.com](mailto:william.hector@gmail.com)

### **1. INTRODUÇÃO**

A presença de pessoas em situação de rua nas cidades brasileiras é um fenômeno complexo, que não pode ser entendido apenas como falta de moradia. Na verdade, trata-se de um modo de vida que se organiza em torno da rua, que é ao mesmo tempo espaço de sobrevivência, de convivência e de construção de identidade. Diferentes estudos mostram que a rua não deve ser vista somente como um local físico, mas também como um território simbólico e social, marcado por disputas, preconceitos, solidariedades e pela criação de formas próprias de organização.

Neste trabalho, é debatido como a busca por alimento nas ruas vai além da simples necessidade de sobreviver. Para isto, foi preciso analisar como essa prática se torna uma forma de ocupar o espaço da cidade e criar laços entre as pessoas, através da ação conjunta da Pré-Conferência da Cidade realizada durante a servida no almoço do projeto de cozinha comunitária gratuita no espaço aberto do Kilombo Urbano Ocupação Canto de Conexão, e trazer para a discussão acadêmica que centralizou a figura do morador de rua como sendo apenas um sujeito à margem social. Este trabalho busca apresentar ações desse quilate de autonomia que podem ser lidos através dos impactos produzidos e documentados através de fotografias, dando uma percepção nova sobre estes corpos.

Segundo pesquisas de CUNDA;SILVA(2019), a rua é nomeada e organizada por diferentes forças sociais. De um lado, existem políticas públicas e ações urbanas que tentam controlar ou invisibilizar a presença dos moradores de rua. De outro, existem os próprios sujeitos que, através de suas práticas, dão novos significados à rua e criam modos de estar na cidade. Quando moradores de rua em Pelotas se deslocam até o Canto de Conexão para se alimentar, eles não estão apenas suprimindo uma necessidade física; eles estão dizendo, com sua presença, que fazem parte da vida urbana e que têm direito a ocupar esses espaços. Dentro da óptica de HOLANDA (2019), nos ajuda a entender essa lógica ao falar do “sistema da rua”. Para ele, a vida de quem mora na rua não é apenas resultado da exclusão social, mas também de formas criativas de reorganizar a existência. Nesse sistema, as pessoas aprendem a se virar, constroem solidariedades e estabelecem pontos de referência para a vida cotidiana. Utilizando as contribuições de JUNIOR;CHAGAS;OLIVEIRA (2022) destacando que a cidade deve ser entendida como um conjunto de territórios, organizados e disputados a partir das práticas dos sujeitos. Isso significa que cada grupo social cria seus próprios centros e percursos. Para os moradores de rua, o deslocamento diário em busca de alimento estrutura a vida, organiza horários e

cria um eixo de pertencimento. Já os trabalhos de PALOMBINI;SILVA (2013) ajudam a olhar para a dimensão social e antropológica desse processo. O autor mostra que o espaço urbano é apropriado de maneira singular pelos moradores de rua, que o transformam em parte essencial de suas vidas.

A busca diária por alimento no Kilombo transmite mais do que a necessidade de sobrevivência: ela evidencia a falta de espaços fixos para a população em situação de rua. Essas pessoas não estão ali por opção, mas por não encontrarem na cidade lugares onde possam se sentir parte. A sociedade frequentemente as expulsa e as torna etéreas. O gesto de frequentar o espaço, compartilhar refeições e criar laços se torna, então, um meio de construir um território simbólico, moldado pela mobilidade forçada e por um cotidiano de deslocamentos. Assim, a ocupação funciona como uma âncora em um "mapa afetivo" que orienta e organiza as vidas desses indivíduos, que de outra forma seriam apagados pela exclusão urbana.

Esse processo mostra que a invisibilidade de corpos tidos como descartáveis é tanto social quanto espacial. Sem lugares fixos para esses grupos, eles são obrigados a circular pela cidade em busca de pontos que os acolham. Nesse contexto, o alimento no Kilombo se torna mais que um recurso material: é um elo que cria confiança, convivência e a formação de uma comunidade que resiste ao apagamento. O local, então, deixa de ser apenas uma fonte de sustento para se tornar um território central, onde cuidado, escuta e reconhecimento se entrelaçam, combatendo a fragmentação e o isolamento impostos pela vida na rua. Entendê-lo como um ponto de circularidade permite enxergar a dinâmica mais ampla de exclusão que força essas pessoas a se moverem constantemente. A falta de políticas urbanas que reconheçam sua existência cria um "mapa" precário, no qual espaços similares ao do Kilombo se destacam como ilhas de sobrevivência e resistência. Nesses espaços, moradores de rua podem se expressar, compartilhar vivências e organizar suas necessidades, transformando a rua em um lugar de convivência política e social. Portanto, a territorialidade construída ali não é só uma resposta à fome, mas a expressão de uma luta por visibilidade e pelo direito de viver na cidade. Portanto, ao observar a prática cotidiana de deslocar-se e buscar alimento no Kilombo Urbano Ocupação Canto de Conexão, é possível perceber como os moradores de rua criam e ressignificam territórios dentro da cidade. Essa prática é uma forma de resistir à exclusão, de afirmar sua presença e de construir novas formas de socialização. Mais do que apenas saciar a fome, trata-se de criar espaços de vida, de cuidado e de pertencimento. A rua, assim, não é apenas cenário de precariedade, mas também de criatividade, de solidariedade e de luta por reconhecimento. Ao entender isso, é possível enxergar a territorialidade dos moradores de rua como um processo ativo e dinâmico, que envolve tanto a necessidade material quanto a dimensão simbólica de estar e de existir na cidade.

## **2. ATIVIDADES REALIZADAS**

Nesta atividade, dividida em momentos que não dificultasse a dinâmica da distribuição do almoço. Iniciando o debate partindo da pergunta direcionada, onde cada um disse seu nome e sua localidade de nascença/moradia. Para incrementar aos poucos os indivíduos dentro da discussão sobre a cidade, foi pedido que usassem post-its para fixar no mapa ampliado que foi colado à

parede, tal como vemos na imagem I. E utilizou-se uma fita que ligava suas casas/vilas/comunidades ao Kilombo, e munidos dos adesivos, foram fixando ao longo do mapa suas questões, assim descritos nas imagens II e III.



Imagem I: Acervo Particular

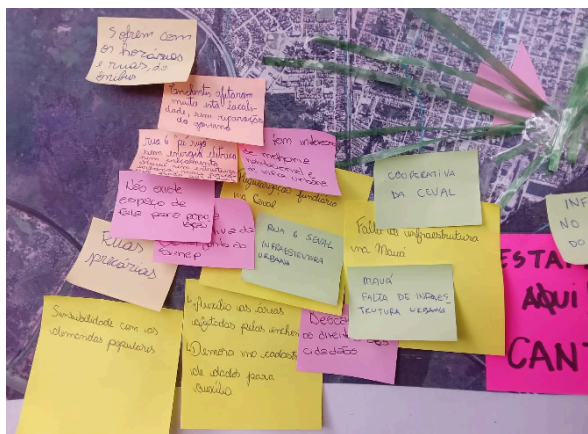


Imagem II: Acervo Particular



Imagem III: Acervo Particular

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença da população em situação de rua nas cidades evidencia como determinados corpos são historicamente tratados como descartáveis, invisibilizados pelas políticas urbanas e pelo imaginário social. No entanto, espaços como o Kilombo revelam caminhos de resistência e de reconstrução da vida urbana. Ao oferecer refeições diárias, promover encontros e sediar debates como a pré-conferência regional da Conferência Nacional das Cidades, o Kilombo deixa de ser apenas um ponto de assistência e se consolida como território de

afirmação política e de pertencimento. O ato de buscar alimento nesse espaço ultrapassa a dimensão da sobrevivência imediata, transformando-se em prática de territorialização e de construção de vínculos. Nesse processo, sujeitos antes marginalizados não apenas garantem sua existência material, mas também inscrevem sua presença na cidade, produzindo novas formas de sociabilidade. O alimento, nesse contexto, torna-se dispositivo relacional capaz de aproximar pessoas, criar redes de solidariedade e estruturar rotinas coletivas.

Essas experiências evidenciam que a rua não pode ser entendida apenas como espaço de precariedade, mas também como lugar de criação, convivência e resistência. A territorialidade construída em torno do Kilombo mostra que os chamados corpos descartáveis movimentam a cidade de maneira singular, organizando centralidades alternativas e afirmando o direito de estar e de viver nos espaços urbanos. Assim, ao iluminar a potência política da população em situação de rua, o Kilombo Urbano Canto de Conexão amplia o debate sobre o direito à cidade e revela que a reorganização urbana não depende apenas das instâncias formais, mas também das práticas cotidianas de sujeitos que, mesmo na exclusão, constroem territórios de vida, solidariedade e participação.

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNDA, M. F.; SILVA R. N. Me chamam rua, população, uma situação: os nomes da rua e as políticas da cidade. **Revista Psicologia & Sociedade**, v.32, e223876, p. 1-17, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32223876>. Acesso em: 21 ago. 2025.

HOLANDA, J. G. Se virando no sistema da rua: moradores de rua, conceitos e práticas. **Civitas: Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 28–44, 2019. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/civitas/article/view/30941>. Acesso em: 21 ago. 2025.

JUNIOR, V. C. ; CHAGAS, P. B. ; OLIVEIRA, J. S. Organização-cidade e território: a territorialidade das pessoas em situação de rua a partir de suas práticas cotidianas. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**. Curitiba: IBEPES, v.21, n.1, p.175-200, 2022.

PALOMBINI, L. L. Moradores de rua e suas relações com o espaço urbano. **Revista Para Onde!?**, São Paulo, v.7, n.2, p. 47-56, 2013.

SILVA, T. L. A rua como espaço de interação social: um estudo antropológico das relações entre população em situação de rua e grupos caritativos. **Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia**. Niterói: EdUFF, n. 29, p. 131-149, 2010.